

Vinícius de Luna Chagas Costa¹

¹Pós-doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: viniciusgeografo@gmail.com.br

Introdução

Esta pesquisa apresenta uma investigação desenvolvida com uma turma do 5º ano dos anos iniciais de um Colégio de Aplicação da cidade do Rio de Janeiro, centrada no estudo de biografias negras como estratégia pedagógica para a construção de práticas antirracistas e democráticas. Ancorada na perspectiva dos ‘saberes-fazer’, a proposta buscou articular sujeitos negros como protagonistas da história, ampliando seus repertórios culturais e fortalecendo identidades, leitura, escrita e reflexão crítica, valorizando trajetórias historicamente silenciadas. A partir de rodas de conversa, produções textuais e pesquisas, os estudantes foram convidados a reconhecer a reconhecer sujeitos negros como protagonistas da história, ampliando seus repertórios culturais e fortalecendo identidades.

Pensar a educação em contextos atravessados por desigualdades sociais e raciais exige reconhecer a escola como um território vivo, tecido pela diversidade de culturas, identidades, linguagens e modos de existir. Mais do que um espaço que abriga a pluralidade, a escola constitui-se como lugar de encontros, tensões e possibilidades, onde diferentes histórias se cruzam, se confrontam e se reinventam. Nesse entre-lugar, marcado pela presença do outro e pela potência do coletivo, emergem práticas pedagógicas comprometidas com a construção de uma educação democrática, que não apenas acolhe, mas reconhece, legitima e valoriza as múltiplas vozes que a habitam. Trata-se de uma educação que se abre à escuta sensível, que problematiza silenciamentos históricos e que cria condições para que sujeitos diversos em suas diferenças étnico-raciais, culturais, sociais e de gênero possam se expressar, produzir sentidos e inscrever suas experiências no processo educativo.

O projeto intitulado “Biografias Negras” teve como propósito evidenciar trajetórias de personalidades negras que, ao longo da história, foram sistematicamente invisibilizadas, apesar de suas contribuições decisivas para a constituição social, política, cultural e científica do Brasil. Partindo do reconhecimento de que a história oficial foi, em grande medida, narrada a partir de perspectivas eurocêntricas, a proposta buscou tensionar esses silenciamentos, trazendo à luz sujeitos cujas experiências foram fundamentais na formação do país.

Ao revisitar essas trajetórias, o projeto dialoga com fatos historicamente documentados, como a centralidade da população negra na construção econômica do Brasil durante o período escravocrata, bem como sua atuação ativa nos movimentos de resistência, a exemplo dos quilombos e das lutas abolicionistas. Além disso, destaca-se a presença de intelectuais, artistas, cientistas e lideranças negras que contribuíram significativamente para diferentes áreas do conhecimento e da vida social, ainda que muitas vezes não reconhecidos nos currículos escolares.

Nesse sentido, a proposta não se limita a recuperar nomes e feitos, mas busca promover uma releitura crítica da história, reconhecendo a população negra como protagonista e agente histórico. Ao valorizar essas biografias, o projeto contribui para a construção de uma educação comprometida com a equidade, com o fortalecimento das identidades e com o enfrentamento das desigualdades raciais ainda presentes na sociedade brasileira.

Mais do que apresentar trajetórias, a proposta buscou tensionar ausências e provocar deslocamentos no modo como os estudantes compreendem a história, a si mesmos e o outro.

Ao evidenciar sujeitos negros como protagonistas, a prática pedagógica tensiona narrativas hegemônicas e cria possibilidades para a emergência de outras perspectivas, que não apenas informam, mas também formam, mobilizam e produzem permanências no processo educativo.

Metodologia

A noção de 'saberes-fazer', conforme discutida por Alves (2008), permite compreender o cotidiano escolar como espaço de produção de conhecimentos tecidos nas relações, nas práticas e nas experiências vividas. Nessa perspectiva, ensinar e aprender são movimentos indissociáveis da vida e dos encontros que nela se constituem.

Tal compreensão dialoga com a perspectiva de Paulo Freire (1996), ao defender a educação como prática de liberdade. Para o autor, ensinar não se reduz à transmissão de conteúdos, mas consiste na criação de condições para que os sujeitos produzam conhecimentos a partir de sua realidade, em um movimento dialógico e problematizador.

No que tange à educação antirracista, Gomes (2017) destaca a importância de reconhecer e valorizar as identidades negras no espaço escolar, compreendendo a escola como um lugar estratégico no enfrentamento do racismo estrutural. Nesse sentido, trabalhar com biografias negras configura-se como uma ação pedagógica que contribui para a construção de referências positivas e para o fortalecimento do pertencimento.

Além disso, a perspectiva decolonial, conforme discutida por Quijano (2005) e Mignolo (2008), convida a questionar as bases eurocêntricas que historicamente orientaram a produção do conhecimento. Para esses autores, é fundamental problematizar a colonialidade do poder e do saber, abrindo espaço para epistemologias outras, que reconheçam a pluralidade de vozes e experiências. Bakhtin (2011) deixa claro que o texto não se manifesta apenas verbalmente, mas por meio de qualquer conjunto coerente de signos, ou seja, a linguagem não é um privilégio do verbal, uma vez presente em todas as manifestações humanas.

Assim, o trabalho com biografias negras não se limita à dimensão curricular, mas se constitui como gesto político e epistemológico, que desafia silenciamentos e afirma a potência de outras narrativas.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, desenvolvida em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, composta por 20 estudantes. O percurso metodológico foi organizado a partir de práticas que articularam leitura, escrita, oralidade e pesquisa, tendo como eixo central o estudo de biografias de personalidades negras.

Inicialmente, realizou-se uma sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes, buscando identificar suas referências acerca de sujeitos negros na história. Em seguida, foram introduzidas diferentes biografias, contemplando áreas como ciência, literatura e arte.

As rodas de conversa constituíram-se como espaço privilegiado de escuta e diálogo, nos quais os estudantes puderam compartilhar percepções, levantar questões e estabelecer relações entre as narrativas estudadas e suas próprias vivências. Nesse movimento, a palavra circulava como quem tece sentidos, ora firme, ora hesitante, mas sempre carregada de significados. Acreditamos que o mundo em que vivemos insinua

relações pela nossa consciência.

Posteriormente, os estudantes foram convidados a produzir textos biográficos e a representar, por meio do desenho, as personalidades estudadas. Essas produções visuais foram realizadas em diferentes linguagens como charge, cartoon ou ilustração, respeitando e valorizando a estética singular de cada estudante, de modo a ampliar as formas de expressão e compreensão das trajetórias abordadas. Neste sentido, os desenhos são formas pelas quais as crianças leem e significam o mundo na contemporaneidade. O processo de escrita – também entendidas como enunciações das crianças – foi acompanhado por intervenções pedagógicas voltadas à organização do gênero textual e à ampliação das possibilidades expressivas dos estudantes.

Resultados e discussão

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, observou-se que o contato com biografias negras provocou importantes deslocamentos nos modos de pensar dos estudantes. Inicialmente, muitos demonstravam desconhecimento sobre figuras negras de destaque, evidenciando lacunas no currículo escolar tradicional, ainda fortemente marcado por perspectivas eurocêntricas (QUIJANO, 2005).

Entretanto, à medida que as narrativas foram sendo exploradas, novas referências passaram a emergir. Os estudantes começaram a reconhecer sujeitos negros em diferentes espaços sociais, ampliando suas compreensões e tensionando estereótipos historicamente construídos.

As rodas de conversa revelaram-se como espaços potentes de produção de sentidos, nos quais os ‘saberes-fazer’ (ALVES, 2008) se manifestavam nas trocas, nas perguntas e nas interpretações compartilhadas. Nesse contexto, a aprendizagem assumiu um caráter coletivo, atravessado pela escuta e pelo diálogo, em consonância com a perspectiva freireana (FREIRE, 1996).

As produções escritas evidenciaram não apenas avanços na organização textual, mas também um envolvimento mais profundo com as histórias estudadas. Em muitos textos, foi possível observar marcas de identificação, admiração e pertencimento, indicando que aquelas narrativas passaram a ocupar um lugar significativo na experiência dos estudantes.

Esse movimento dialoga com as reflexões de Gomes (2017), ao apontar que a valorização de referências negras contribui para a construção de identidades positivas e para o enfrentamento do racismo no espaço escolar. As biografias negras se constituíram como uma fonte poderosa ao evocar imagens, acontecimentos e paisagens que escapavam aos limites do vivido imediato das crianças. É nesse campo simbólico que as crianças reelaboram o vivido, dando-lhes sentido em linguagem, como expressão do mundo.

Assim, ao entrelaçar vozes, histórias e experiências, a prática pedagógica revelou-se como um espaço de reinvenção do currículo, no qual outras epistemologias puderam emergir (MIGNOLO, 2008).

Conclusões

Os resultados desta pesquisa evidenciam que o trabalho com biografias negras pode constituir-se como uma potente estratégia pedagógica no enfrentamento das desigualdades educacionais e raciais. Ao deslocar o olhar para trajetórias historicamente invisibilizadas, a escola amplia horizontes e contribui para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva.

Mais do que atender a uma demanda legal, conforme a Lei 10.639/03, trata-se de assumir um compromisso ético e político com a formação de sujeitos críticos, sensíveis

e conscientes de seu lugar no mundo.

Nesse percurso, os 'saberes-fazer' emergem como fios que tecem a prática pedagógica, conectando conhecimento, experiência e humanidade. Entre palavras, silêncios e descobertas, a sala de aula se transforma em território de encontros onde aprender é também reconhecer, resistir e (re)existir.

Palavras-Chave: biografias negras; linguagens; infâncias.

Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda. *Os cotidianos das escolas: pesquisa com os cotidianos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tsvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Buenos Aires: Del Signo, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FRPEDI